



GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos – Trabalho 1239

RESIDÊNCIA AGRÁRIA JOVEM NO AMAPÁ: ARTICULANDO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Débora Mate Mendes – UFPA

Marlo dos Reis – UNIFAP

Agência Financiadora: CNPq

Resumo

O presente artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa em andamento intitulada - Juventude do Campo, das Águas e da Floresta: Sujeitos e Trajetórias – desenvolvida dentro de um processo mais amplo de ensino, pesquisa e extensão que foi o Residência Agrárias Jovem. A pesquisa que tem por objetivo discutir acerca das possibilidades de reprodução dos modos de vida extrativista, ribeirinho, quilombola na realidade da sucessão hereditária nas reservas extrativistas, no campo, nos rios e florestas do Amapá com foco nos fatores de permanência, tais como, Educação, geração de Renda, participação social. Está em andamento e os resultados parciais apresentados nesse texto discutem especificamente a participação dos/as Jovens na gestão das Unidades produtivas e o reflexos dessa participação no seu Protagonismo por meio da atuação em organizações sociais, sindicais entre outros. Constatou-se nesses dados preliminares que há uma tendência de que quanto maior a participação dos/as Jovens nas decisões da gestão da Unidade Produtiva, maior sua atuação como liderança em espaços de organização social.

Palavras-chave: Juventude, Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Protagonismo

O Residência Agrária Jovem (RAJ) no estado do Amapá foi desenvolvido pela Juventude do Campo, das águas e da Floresta por meio do projeto intitulado JUVENTUDE DA FLORESTA: VISÕES, CANÇÕES E MODO DE VIDA DE UMA AMAZÔNIA EXTRATIVISTA, realizado em parceria do Conselho Nacional das Populações Extrativistas – CNS, Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, especificamente no Curso de Licenciatura em Educação do Campo Ciências Agrárias e Ciências da Natureza com Ênfase em Agronomia e Biologia – LEDOC que contou com 32 bolsistas, além da Escola Família Agroextrativista do Carvão – EFAC com 10 e Escola Família Agroextrativista do Maracá – EFAEXMA também com 10, totalizando 52 bolsistas.

O Projeto teve como objetivo mais amplo o fortalecimento da Juventude Rural, desenvolvendo atividades de produção e difusão de conhecimentos com a finalidade de qualificar o trabalho de Jovens Extrativistas de 15 a 29 anos matriculados regularmente no Ensino Médio da Escola Família Agroextrativista do Carvão (EFAC) e Escola Família Agroextrativista do Maracá (EFAEXMA), no município de Mazagão, estado do Amapá. Com foco no fortalecimento da identidade e do modo de vida extrativista o RAJ buscou garantir o protagonismo da juventude, sua auto-organização, a criação de produtos culturais e a geração de renda visando contribuir com o desenvolvimento sustentável e com a superação das desigualdades de renda de agricultoras/es do campo e da floresta.

Foi um processo pensado, elaborado e viabilizado no campo e, portanto, se constituiu Educação do Campo no seu sentido mais amplo, que como afirma Roseli Caldart, “nomeia um *fenômeno da realidade brasileira atual*¹, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas.” (2012, p. 259) Sendo assim, o projeto dialoga diretamente a discussão proposta por Caldart de que

Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana. (2012 p. 259)

Considerando e situando essas questões, a execução do projeto teve como referência metodológica a Pedagogia da Alternância, a qual, parte do entendimento de que a vida no campo também ensina, portanto, contém dois períodos distintos de aprendizado interligados entre si, sendo um tempo na escola em regime de semi-internato convivendo com a teoria, os conceitos e as elaborações de sala de aula e praticando também o que aprende na escola, o outro período é na comunidade onde o intuito do mesmo é que o jovem do campo possa fortalecer a agricultura familiar e pôr em prática na propriedade da família o que aprendeu na escola garantindo assim que a juventude do campo exerça seu protagonismo em todas as atividades do projeto e da vida. Segundo Begnami,

A Pedagogia da Alternância atribui grande importância à articulação entre momentos de atividade no meio socioprofissional do jovem e momentos de atividade escolar propriamente dita, nos quais se focaliza o conhecimento

¹ Grifo da autora.

acumulado, considerando sempre as experiências concretas dos educandos. (BEGNAMI, 2004, p. 37).

A Educação do Campo é um espaço vital do encontro entre os sujeitos do campo, movimentos sociais, cultura, trabalho. Para alicear este encontro, metodologias específicas como a Pedagogia da Alternância consideram os/as sujeitos do campo, suas identidades e vivências. Nesta direção, na prática, o projeto foi desenvolvido a partir de 3 (três) Eixos Temáticos (1- Gestão, organização e protagonismo da Juventude; 2- Trabalho, produção, mercado e inovação; 3- Cultura, arte e comunicação) que articularam um total de 8 (oito) Módulos de Conteúdo Específico que foram trabalhados em Tempo Escola (horas presenciais) e Tempo Comunidade (horas em campo), além de eventos de difusão dos conhecimentos produzidos.

Dentre os eixos, neste artigo foi escolhido para discussão o primeiro – Gestão, Organização e Protagonismo da Juventude, pois nesse eixo foi proposta e construída pela Juventude a proposta da pesquisa - Juventude do Campo, das Águas e da Floresta: Sujeitos e Trajetórias - e a partir dessa elaboração os próprios Jovens vivenciaram a experiência da pesquisa no Tempo comunidade por meio do Plano de Estudo que teve como foco os movimentos migratórios da Juventude e sua relação com questões como Educação, Geração de Renda, Organização Social, Participação e Gestão entre outros fatores de permanência no campo.

As questões a serem elaboradas, o quantitativo de entrevistas a serem efetivadas bem como a responsabilidade pelo tratamento dos dados e escrita dos artigos, tudo foi decidido pelos cursistas coletivamente num exercício de protagonismo e auto-organização.

As questões definidas pelos jovens para montar os questionários trataram das seguintes temáticas: Idade, Sexo, Comunidade, Acesso a Educação, Tipo de Escola, Qualidade da Educação, Grupo Familiar, Gestão Unidade Produtiva, Decisão Técnicas Cultivo, Jovem Liderança na Família, Ajuda na Renda Familiar, Renda Familiar, Atividades desenvolvidas, Atividades que geram renda, Atividades para o consumo, Participa Organização Social, Pessoas da família participantes de organização social, Organizações abertas para os jovens, Conflitos de lideranças, Benefícios para os jovens, Jovens e organização do lazer, Contribuição na Organização Social, Ajuda resolver problemas na comunidade, Assumiria liderança na comunidade, Satisfeito com sua comunidade, Projeto Futuro.

Do ponto de vista conceitual, e considerando seus objetivos e suas condições de realização, se trata de pesquisa descritivo-interpretativa estabelecendo relações entre as variáveis que motivaram as opções desses sujeitos. Ainda, compreende a utilização e análise documental e de dados empíricos relacionando-os com a produção bibliográfica existente nesse campo.

Para garantir a execução da pesquisa, a perspectiva assumida, do ponto de vista metodológico é o diálogo entre a pesquisa quantitativa e qualitativa, abordando as diferentes variáveis que possibilitam aproximar do público estudado, no caso a Juventude do campo, das águas e da floresta na Amazônia nas comunidades do sul do Amapá, onde vivem os cursistas que participam do projeto.

As atividades dos Planos de Estudo (instrumento que organiza as atividades do Tempo Comunidade) foram desenvolvidas por meio da aplicação do questionário de pesquisa, ou seja, os/as Jovens aplicaram 3 questionários com outros/as Jovens nas suas comunidades.

O Plano de Estudo, como instrumento de pesquisa ou guia de trabalho, determina, em boa parte, a motivação do alternante e dos adultos que o acompanham. (...) Sua construção se reveste da maior importância para atingir os efeitos formadores esperados. (GIMONET, 2007, p. 35)

Trata-se da materialização do protagonismo a partir do Plano de Estudo que na consecução deste eixo do projeto realizou por meio da pesquisa um levantamento da realidade e dos projetos de vida de outros/as Jovens, sua forma de vida, organização e identidade. Para Weisheimer,

Após participarem desses programas os jovens demonstram mais disposição em permanecer nas atividades agrícolas (...), incorporam conhecimentos que são aplicados em suas unidades produtivas, (...) o que possibilita assim a redução da tendência de migração e da evasão escolar. Demonstram que esses projetos fortalecem as identidades desses jovens como agricultores. (WEISHEIMER, 2005, p. 17)

A reflexão proposta por Weisheimer reafirma a importância desses processos formativos organizados com os/as Jovens e protagonizados por eles/as. São nestes espaços que se retoma um sopro de renovação, por meio de aprendizado prático vivenciado como um assumir as rédeas da própria vida pelos jovens, esta mudança comportamental em curso poderá produzir novas ações participativas, novas visões e atuações, nova maneira de se viver sua auto-organização.

Desde o assumir o protagonismo individual até a organização de ações coletivas, participativas, o RAJ permitiu o avanço para a dimensão social do olhar e viver da juventude, sobretudo nas organizações sociais, família, escola e comunidades dos Jovens, na perspectiva de desenvolver o sentimento de pertencimento e a opção por estar ali e fazer neste espaço seu projeto de construção do futuro, conforme acena o poeta Thiago de Mello

Nas águas da minha infância perdi o medo entre os rebojos.
 Por isso avanço cantando.
 Estou no centro do rio, estou no meio da praça.
 Piso firme no meu chão, sei que estou no meu lugar,
 como a panela no fogo e a estrela na escuridão.
 (Vida Verdadeira, 1989)

Este protagonismo se faz com a percepção clara de qual é “o lugar” de cada jovem participante do projeto, para que ele possa vencer o medo e o isolamento, avançar e cantar e vibrar com sua tarefa histórica, “pisar firme no seu chão” e realizar no seu cotidiano aquela prática necessária para o desenvolvimento de seu projeto de vida e, conseqüentemente, o desenvolvimento de sua comunidade como um todo, desenvolvimento institucional e sustentável conforme propõe Menezes quando afirma que

Não é possível alcançar um desenvolvimento sustentável isoladamente ou com ações isoladas de um único ator. O esforço por um diálogo democrático, intersetorial, interinstitucional, intercultural entre os vários interesses e segmentos de uma mesma localidade é condição para o desenvolvimento sustentável. Desenvolver-se institucionalmente é, desse ponto de vista, preparar-se para defender, no jogo democrático, no fórum local de debate de interesses sociais e ambientais, no espaço público socioambiental, seja esse espaço formal ou informal, os interesses e direitos da comunidade, os interesses daquele que não pode advogar por si, como os animais e as espécies vegetais, e dos que ainda não nasceram, como as gerações futuras. (2005, p.18)

Para que o jovem possa perceber as implicações deste desenvolvimento sustentável e institucional e relacionar com sua atuação/intervenção nas organizações e espaços de sua comunidade, o Eixo formativo de Gestão e Protagonismo propôs mapear os grupos e organizações de jovens existentes, bem como, fomentar a criação de novos grupos organizativos por meio de processos de capacitação em gestão participativa para ampliar os espaços de participação da juventude. Nesta direção foram vivenciadas estratégias formativas para que os jovens cursistas pudessem perceber quais são os espaços de participação da juventude e quais as possibilidades de exercício de gestão

para embasar o processo de pesquisa e compreensão desta dinâmica no cotidiano de cada um deles/as.

Nesse sentido, o Projeto proporcionou atividades focadas no meio social e cultural da juventude mostrando seu trabalho, seu modo de viver e de ser em suas comunidades, o projeto também trabalhou na perspectiva do protagonismo da juventude fazendo com que os/as jovens com sua própria visão de mundo pudessem transmitir ao público por meio de fotografias, vídeos, livros e experimentos as riquezas, belezas, desafios e perspectivas do/a jovem da floresta.

Na construção da categoria juventude: quem são esses sujeitos?

Pensar e construir propostas com um público específico que possui identidade própria e buscar por meio da pesquisa concretizar estratégias de fortalecimento dessa identidade e modo de vida traz em seu bojo ao mesmo tempo beleza e trabalho duro, mas é fundamental partir da clareza de quem são os protagonistas desse processo.

Nesse sentido, sobre a construção da categoria “Juventude”, Elisa Guaraná de Castro afirma que

Juventude é uma categoria permeada de definições genéricas, que constantemente tende a ser substantivada, adjetivada, sem que se busque a auto-percepção e formação de identidades daqueles que são definidos como “jovens”. [...] sobre diversas formas de construção da identidade “juventude rural” e seus correlatos “jovem rural”, “jovem da roça”, “jovem do campo[...], na perspectiva de [...] dessubstancializar estas categorias e procurar compreendê-las em seus múltiplos significados. (2005, p.)

Nesse rumo, considerando a reflexão proposta por LEÃO & ANTUNES-ROCHA (2015) ao pensar os sujeitos em seu tempo histórico a partir da compreensão da ideia de Condição Juvenil, no sentido de que

esse termo reconhece que toda sociedade constrói representações sociais e atribui determinados valores a juventude a partir de um recorte geracional. Ao mesmo tempo, não desvincula isso das especificidades de cada situação social vivida a partir de condicionantes de classe, gênero, pertencimento étnio-racial, etc. (2015, p.19)

Nossa caminhada se desenvolveu a partir da organização e da proposição de trabalhar com as Juventudes da Amazônia Amapaense vinculadas à Educação do Campo, especificamente na Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP e das Escolas Família Agrícolas – EFAs. Lançado o

desafio, esses/as Jovens do Campo, das Águas e da Floresta protagonizaram a construção do Residência Agrária Jovem na estado do Amapá.

O caminho cada vez mais largo que conduz os passos dessa geração de homens e mulheres do campo, das águas e da floresta já tem hoje via de mão dupla, essa é uma direção proposta pelos olhares de instituições, educadores/as e dos/as próprios/as Jovens, sujeitos desse processo que conseguem ver além da produção de alimentos e outras possibilidades do campo, que conseguem ver o potencial humano gritando pela oportunidade que conduz a esperança, que transforma vidas e materializa sonhos.

O caminho que traz o alimento traz as expectativas dessa geração, traz a sede do saber e a consciência de direito a ele, não se pretende mais um simples ancoradouro de sonhos, mas sim ser a via de condução para um futuro mais justo e solidário, considerando como afirmam LEÃO & ANTUNES-ROCHA “as dimensões simbólicas e culturais, como também [...] situações materiais que definem limites e possibilidades de viver a condição juvenil” (2015, p.19)

Demarcar essa posição ao apresentar os/as Jovens como protagonistas da construção desse projeto pressupõe entendê-los na sua capacidade e autonomia de dizer a que veio, de mostrar por meio de fotos, vídeos, canções, pesquisas e artigos científicos quem são, onde vivem, o que querem e sabem que tem direito. Trata-se de criar as condições para

romper com o círculo vicioso dos saberes que afirmam imagens e sentidos de jovens que desistem de suas identidades como uma trajetória inexorável para ir ao encontro de sujeitos que se movimentam em torno da luta pelo direito de existir reafirmando suas identidades, seja no campo e/ou na cidade. (LEÃO & ANTUNES-ROCHA, 2015, p.26)

É essa Juventude do campo, das águas e da floresta, nesse tempo histórico que reafirma sua identidade por meio de diferentes linguagens e avança na concretização e materialização de sonhos, por meio do ensino, da pesquisa, da extensão no específico que cada uma dessas práticas podem construir.

Juventude com a mão na massa: a pesquisa propriamente dita

É importante mencionar que esta pesquisa foi realizada com caráter de estudo-piloto. Considerando que pouco se conhece sobre a juventude rural brasileira, a ideia foi experimentar o instrumento de pesquisa aplicado e o método de aplicação, para que –

após avaliação sobre o processo – ela seja realizada, com os devidos ajustes, com um público maior e mais representativo.

A coleta dos dados foi realizada por meio da aplicação de questionários semi-estruturados para o levantamento de dados quantitativos e a partir desse levantamento será feita a definição de sujeitos que serão entrevistados de acordo com os critérios mencionados anteriormente.

São apresentados no presente artigo resultados parciais desse levantamento realizado por meio dos questionários e as relações estabelecidas com o recorte de Gestão e Participação da Juventude nas Instituições. Trata-se de dados quantitativos e análises a partir desses resultados. Os gráficos e dados apresentados dão conta de 43 questionários aplicados e as respostas obtidas.

O tratamento dos dados coletados e o confronto com a bibliografia consultada produziram artigos científicos que representam o esforço de avançar na produção teórica dessa temática. Conforme aponta Minayo: “o tratamento do material nos conduz à teorização sobre os dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aporta de singular como contribuição” (MINAYO 2002, p.26).

Para adentrar no campo da pesquisa científica, partimos das pesquisas quantitativa e qualitativa que dialogam com teoria, prática e se enriquecem com a criatividade dos pesquisadores (MINAYO, 2011, p. 07). O debate entre oposição, complementaridade e/ou negação da existência das duas modalidades (FRANCO, 2007) há algum tempo vem perdendo espaço para a discussão sobre a apropriação e uso de uma ou outra modalidade na vinculação com o tipo de problema, o contexto e resultados que se espera de uma investigação, avançando para dos dados quantitativos pois, na perspectiva de Minayo (2011, p. 22), uma investigação de abordagem qualitativa tende a responder questões específicas como “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”.

Em consequência disto, o instrumento de pesquisa possibilita aprofundar o conhecimento da realidade como afirma Chizzotti (2010, p. 79) que “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”.

Por meio desta abordagem nos aproximamos de uma realidade específica que está inserida em um contexto contemporâneo da vida real. E esse “não é apenas o cenário e o ambiente geográfico ou ecológico” onde o fenômeno se manifesta, mas “é também o contexto histórico, o tempo e a transformação” deste fenômeno (GAMBOA, 1996, p. 122). Dessa forma, realizamos um levantamento de dados que procuramos descrever e interpretar a fim de compreender como se dá o impacto das ações na reação da juventude em suas dinâmicas de participação e atuação.

Seguindo nesta direção, os mesmos autores demonstram o fato de ser uma pesquisa de cunho descritivo e interpretativo, em que o pesquisador tende analisar os dados de forma mais indutiva que dedutiva.

Desse modo, a investigação é concebida como sendo um estudo dos acontecimentos, dos fatos ocorridos, das eventualidades, dos contextos e conjunturas, das hipóteses, das circunstâncias e prováveis causas compreendidas dentro da totalidade e não como um fenômeno isolado. Corroborar para tal entendimento o pensar de Gamboa quando afirma que

A compreensão de um fenômeno só é possível com relação à totalidade à qual pertence (horizonte da compreensão). Não há compreensão de um fenômeno isolado; uma palavra só pode ser compreendida dentro de um texto, e este, num contexto. Um elemento é compreendido pelo sistema ao qual se integra e, reciprocamente, uma totalidade só é compreendida em função dos elementos que a integram (2008, p.101).

Assim, ao partir da ideia de que cada fenômeno faz parte do todo, e que para compreender a parte é preciso compreender o todo, visto que a totalidade se cria na interação das partes, e não em sua separação, o que aponta o caminho que possibilite compreender a formação da juventude como um elemento integrador do contexto sócio-histórico-político-educacional em nível nacional, regional e local, onde estão situadas as suas comunidades e instituições sociais, espaços de dinâmicas, possibilidades e vicissitudes.

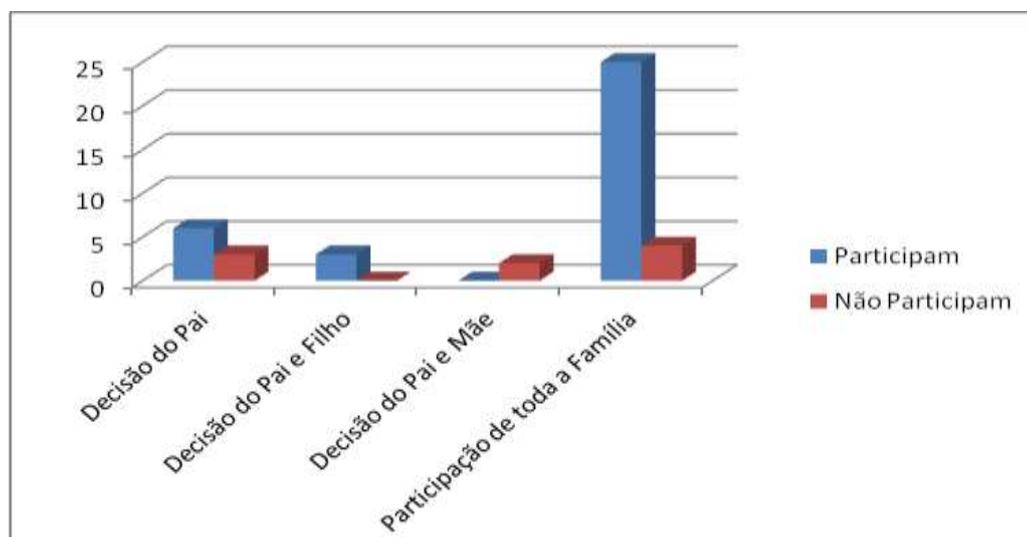
Apontando resultados...

Os resultados da pesquisa revelam dados sobre uma série bem ampla de informações acerca das percepções da juventude que respondeu aos questionários. Para o escopo deste artigo, o primeiro cruzamento de respostas aponta para a relação da forma como a família desenvolve a tomada de decisões (gestão) e a participação dos

jovens na comunidade (participação). Dentre as respostas levantadas, 5% responderam que é a mãe e o pai que tomam as decisões, enquanto em 8% das famílias são os homens que tomam as decisões (pai e filho), em 22% das vezes é o pai que decide sozinho, ao passo que 65% dos/as jovens entrevistados afirmaram que em suas famílias as decisões contam com a participação de todos os membros, coletivamente.

Ao cruzar estes dados com as respostas obtidas sobre a participação dos jovens em suas comunidades nas diversas organizações sociais, obtiveram-se os gráficos 1 e 2. O gráfico 1 apresenta a participação dos/as jovens nas organizações sociais e sua relação com a forma que sua família toma as decisões.

Gráfico 1: Participação dos/as jovens nas organizações sociais x gestão familiar



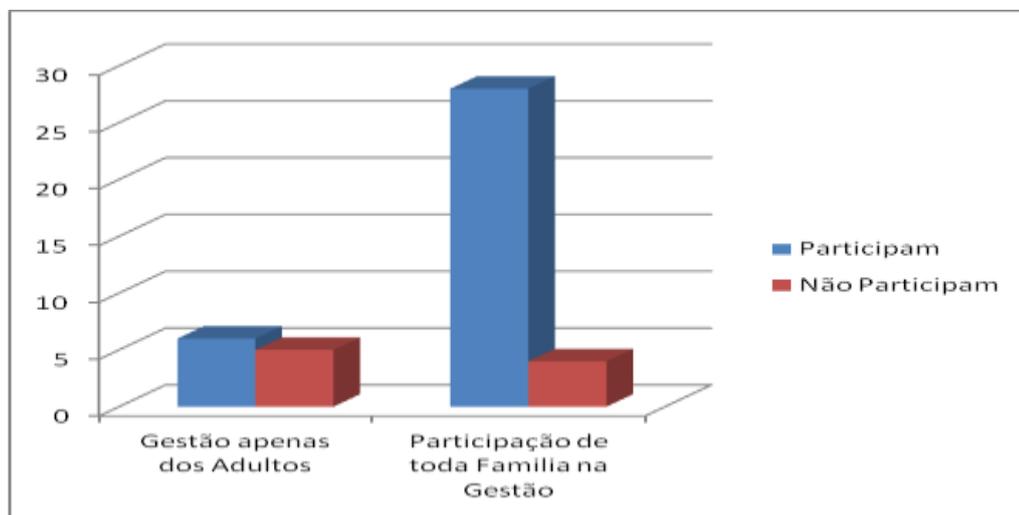
Pesquisa realizada pelo Projeto Juventude da Floresta
Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Conforme aponta o gráfico 1, a participação dos jovens em suas comunidades quando sua família realiza a gestão apenas com a atuação dos adultos é bem dividida, pois enquanto 55% destes jovens respondeu que participa, 45% afirmaram não participar de nenhuma organização social.

O outro grupo, que revelou ser a tomada de decisão coletiva nas gestões em suas famílias, apresenta situação marcadamente diversa, pois enquanto apenas 10% destes entrevistados afirma não participar de sua comunidade, 90% destes/as jovens fazem parte das organizações sociais em suas comunidades. Este dado aponta para uma tendência que poderá ser investigada, onde indica a relação direta da participação do jovem nas dinâmicas de tomada de decisão em sua família, ele também é propício a ser participante em sua comunidade (organizações sociais).

O gráfico 2 manifesta claramente esta relação observada no levantamento de dados.

**Gráfico 2: Cruzamento da participação dos jovens na gestão
(família x organizações sociais)**

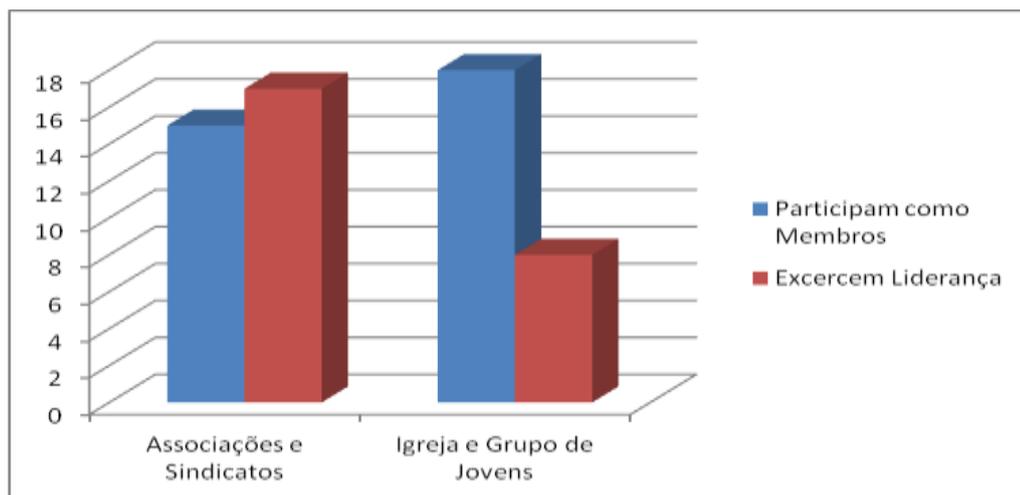


Pesquisa realizada pelo Projeto Juventude da Floresta
Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Se esta tendência for aprofundada, pode-se inferir que a participação da juventude depende dos processos de socialização vivenciados no seio da família (e da escola, por extensão), o que poderá ser pautado nos processos de formação para alicerçar esta presença juvenil nas instituições sociais desde sua vivência familiar.

Um segundo cruzamento foi realizado focado nas respostas dos/as jovens sobre sua participação como lideranças nas organizações de suas comunidades e os tipos de instituições em que atuam, conforme o gráfico 3.

**Gráfico 3: Cruzamento da participação dos jovens
(gestão família x atuação social)**



Pesquisa realizada pelo Projeto Juventude da Floresta
 Fonte: Dados da pesquisa (2016)

As informações deste cruzamento apontam para um dado muito peculiar dentre os perfis de lideranças jovens e suas respectivas instituições sociais. Nas Associações e Sindicatos a participação dos/as jovens fica bem dividida entre os que exercem Liderança (55%) e os que participam na modalidade de Membros (45%). Já nas Igrejas e Grupos de Jovens, há um contraste entre uma maioria de Membros (70%) e uma parcela bem menor que participa ocupando cargos de Liderança (30%). São dados preliminares que indicam as diferentes escolas de Lideranças que os jovens trilham em suas comunidades, espaços de atuação e amadurecimento nas esferas da gestão social.

Se é possível perceber diferentes maneiras de dividir as decisões nas famílias e diferentes formas de participar como lideranças nas organizações sociais, podemos dispor destas informações para incidir nos processos formativos da juventude do campo, das águas e florestas para impulsionar seu protagonismo e favorecer sua participação nas dinâmicas de gestão nas instituições de suas comunidades.

A pesquisa se desenrolou na sequência dos módulos, os bolsistas realizaram entrevistas com a aplicação de questionários entre os jovens de suas comunidades e os resultados obtidos estão sendo analisados, transformados em artigos e publicados em eventos científicos.

Algumas considerações...

A pesquisa “Juventude do Campo, das Águas e da Floresta: Sujeitos e Trajetórias” é um processo em curso que teve seu surgimento ligado ao Residência

Agrárias Jovem e possibilitou a relação intrínseca necessária entre o ensino, pesquisa e extensão na Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC da UNIFAP – Campus Mazagão.

O RAJ foi uma política pública fundamental para discutir a realidade e as percepções da Juventude Rural acerca das possibilidades de reprodução dos modos de vida extrativista, ribeirinho, quilombola na realidade da sucessão hereditária nas reservas extrativistas, no campo, nos rios e florestas do Amapá.

Entender esta juventude, suas percepções e modos de vida, sua identidade e atuação em suas comunidades, implica compreender fatores de permanência tais como educação, trabalho, geração de renda, participação social, entre outros. Neste sentido, os resultados parciais apresentados nesse texto apontam dados importantes para avançar nesta compreensão.

Os dados preliminares discutem especificamente a participação dos/as Jovens na tomada de decisão em suas famílias sobre a gestão das unidades produtivas e os impactos dessa participação na forma que os/as jovens vivenciam o seu Protagonismo por meio da atuação em suas comunidades, nas organizações sociais, sindicais, igrejas, entre outros.

A constatação nesses primeiros resultados dá conta de que há uma tendência de que quanto maior a participação dos/as Jovens nas decisões sobre a gestão da unidade produtiva junto a sua família, maior é sua atuação nos espaços coletivos de suas comunidades e, também, mais significativa é sua participação assumindo espaços de liderança nestas instituições e organizações sociais.

Como desdobramento desta etapa da pesquisa, os novos instrumentos irão aprofundar a dimensão qualitativa deste público pesquisado e ampliar a base quantitativa para encorpar a representatividade da Juventude Rural do estado do Amapá.

Desta forma, a RAJ representa uma necessidade de continuidade do processo formativo que engloba ensino-pesquisa-extensão para uma compreensão mais estruturada sobre as realidades estudadas e uma atuação mais sólida na ampliação e fortalecimento do protagonismo da Juventude do Campo, das Águas e Florestas da Amazônia amapaense.

Referências

ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli Salete e MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma Educação do Campo**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2004.

BEGNAMI, João Batista. **Formação Pedagógica de Monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias**. Dissertação de Mestrado, 2003. 319p.

CALDART, Roseli Salete (*Et Al*). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural: “apenas uma palavra” ou “mais que uma palavra”**. XXIX Encontro Anual da ANPOCS, 2005. Disponível em http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/Experiencia_etnografica_-_jovem_rural_-_Elisa_Guarana.pdf

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. – Brasília, 2ª edição: Líber Livro Editora, 2007. 80 p.

GAMBOA, S. A. S. A contribuição da pesquisa na formação docente. In: REALI, A. M. M. R.; MIZUKAMI, M. G. N. (Orgs.). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: EdUFSCar, 1996.

GIMONET, J. C. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. Petrópolis: Vozes; Paris: AIMFR, 2007.

LEÃO, Geraldo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. **Juventudes no/do campo: questões para um debate**. In *Juventudes do Campo*. 1. ed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. Coleção Caminhos da Educação.

MENEZES, L. S. O Padi in Bernardo, M. e Melo, L. **O fio da meada: de onde vem a mudança?** São Paulo: Peirópolis; Brasília, DF: IEB – Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2005.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade**. 30^o Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapas de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005